



Entre clérigos e jornais: o Pe. Celso Ibson Sylos como intelectual orgânico de Ribeirão Preto

Among clergymen and newspapers: Fr. Celso Ibson Sylos as an organic intellectual from Ribeirão Preto

Entre clérigos y periódicos: el P. Celso Ibson Sylos como intelectual orgânico de Ribeirão Preto

Nayara Koberi – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: nayara.koberi@unesp.br | <https://orcid.org/0000-0002-7512-8506>

Maximiliano Martín Vicente – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: mm.vicente@unesp.br | <https://orcid.org/0000-0002-4180-4326>

Resumo: O presente artigo irá analisar a figura do Pe. Celso Ibson Sylos, um religioso conhecido na cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, que atuou como diretor do jornal “Diário de Notícias”, em meados dos anos de 1960. A intenção é explorar a figura do religioso enquanto intelectual orgânico, a partir da leitura de alguns editoriais publicados entre os anos de 1963 e 1964. Importante ressaltar que o “Diário de Notícias” foi o terceiro maior jornal de circulação em Ribeirão Preto, sendo propriedade da Arquidiocese da cidade. Além disso, Pe. Celso também era líder do movimento “Frente Agrária”, que propunha a emancipação dos trabalhadores rurais, através da sindicalização e educação pelo método Paulo Freire.

Palavras-chave: Intelectual orgânico. Sylos, Celso Ibson (1928 – 1998). Diário de Notícias - Ribeirão Preto.

Abstract: This article will analyze the figure of Fr. Celso Ibson Sylos, a well-known religious figure in the city of Ribeirão Preto, in the interior of the State of São Paulo, who served as director of the newspaper “Diário de Notícias” in the mid-1960s. The intention is to explore the figure of the religious as an organic intellectual, from reading the editorials published between the years 1963 and 1964. It is important to note that “Diário de Notícias” was the third largest newspaper in Ribeirão Preto, being owned by the city’s Archdiocese. In addition, Fr. Celso was also the leader of the “Frente Agrária” movement, which proposed the emancipation of rural workers, through unionization and education through the Paulo Freire method.

Keywords: Organic intellectual. Sylos, Celso Ibson (1928 – 1998). Diário de Notícias - Ribeirão Preto.

Resumen: Este artículo analizará la figura del P. Celso Ibson Sylos, reconocido religioso en la ciudad de Ribeirão Preto, en el interior del Estado de São Paulo, que actuó como director del periódico “Diário de Notícias” a mediados de -1960. La intención es explorar la figura del religioso como intelectual orgânico, a partir de la lectura de los editoriales publicadas entre los años 1963 y 1964. Es importante señalar que “Diário de Notícias” fue el tercer periódico más grande de Ribeirão Preto, siendo propiedad de la Arquidiócesis de la ciudad. Además, el P. Celso también fue el líder del movimiento “Frente Agrária”, que proponía la emancipación de los trabajadores rurales, a través de la sindicalización y la educación utilizando el método Paulo Freire.

Palabras clave: Intelectual orgânico. Sylos, Celso Ibson (1928 – 1998). Diário de Notícias - Ribeirão Preto.

Recebido em 23 de abril de 2021. Aprovado em 22 de julho de 2021.

e-issn: 2177-5788. DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2021v47n1p11-31>

Copyright © 2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial –Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



Introdução

Em 31 de março de 1964, as Forças Armadas concretizaram o golpe civil-militar no Brasil. A ação não foi isolada, mas sim, teve apoio de vários segmentos sociais, incluindo a Igreja Católica e parte da imprensa, que louvou os golpistas, bradando pelo “fim da ameaça comunista”. O país estava atravessando por dicotomias e extremismos, em uma batalha ideológica entre esquerda e direita, conforme ressalta Toledo (1982), buscando silenciar as vozes contrárias à hegemonia vigente e concentrar o poder nas mãos dos grandes detentores de terras, bem como em segmentos sociais da alta burguesia, afastando trabalhadores, intelectuais e representantes da oposição contra o regime instaurado.

Esta história já é bastante conhecida, principalmente na caminhada rumo à Brasília e nas grandes metrópoles do Sudeste, com foco no eixo Rio-São Paulo. Porém, há perspectivas interioranas que revelam acontecimentos tão ricos e singulares, complementando a ideia geral espelhada em boa parte das obras que abordam o período em questão.

Não à toa dá-se o nome de golpe civil-militar, pois o projeto político dos militares envolveu vários segmentos sociais, incluindo a própria sociedade civil. Ao estudar a relação do intelectual orgânico em tempos de autoritarismo, os escritos de Coutinho (2011) surgem para dar à luz à concepção gramsciana que engloba nosso artigo. Para ele, as formações da sociedade civil modernas não se limitam aos institutos de dominação direta, mas há mecanismos de coerção que corroboram com os organismos repressivos em geral, como a burocracia executiva e os aparelhos policial-militares. Através da sociedade civil ocorrem “relações sociais de direção política ideológica, de hegemonia, que – por assim dizer – “completam” a dominação estatal, a coerção, assegurando também o consenso dos dominados” (COUTINHO, 2011, p. 14).

Diante disso, a resistência da cidade de Ribeirão Preto, no interior paulista, mostrou-se enfática, tendo como um de seus representantes o Pe. Celso Ibson Sylos, que atuava no jornal “Diário de Notícias” e no movimento



“Frente Agrária Paulista”, contrariando a posição reacionária da Igreja Católica, além de contribuir com uma imprensa engajada, que ecoava em prol dos princípios democráticos.

Nesse sentido, concebemos a figura do Pe. Celso como um intelectual orgânico de Ribeirão Preto, que vai além do seu papel como religioso, para promover ideais em prol da emancipação, liberdade e progresso, principalmente para os trabalhadores rurais, que ansiavam por melhores condições e reformas de base. Para compreender esse cenário, é preciso se debruçar sobre a conjuntura política em nível local e nacional, a interferência da política nos escritos do Pe. Celso. Em conjunto, tratamos de uma intersecção rica entre o campo da Comunicação e da História.

Na questão dos intelectuais, percebe-se que os campos de estudo convergem e se relacionam, diante da necessidade de compreender os diversos fenômenos que cercam as práticas sociais. Isso é uma maneira de superar as interpretações monolíticas e fragmentadas, contudo trata-se de um desafio teórico-metodológico entender como na prática se operava essa convergência. Afinal de contas, a intenção é entender a complexidade do pensamento, em uma metodologia de afinidade e conflito, como postula Vicente (2009) ao estudar a relação entre a História e a Comunicação.

De acordo com Bourdieu (1983), o campo, incluindo o científico, define-se por jogos de interesses específicos e pessoas que conhecem suas regras. A constituição da Comunicação, enquanto campo, já perpassa diversas problemáticas, uma vez que há diferentes competências simbólicas que fazem parte de seu desenvolvimento - sem desconsiderar a autonomia de cada um dos campos constituintes. É aí que a História surge como fundamental para emprendermos pesquisas de Comunicação, ao mesmo tempo, em que a Comunicação também pode servir como parte dos estudos históricos, incluindo dos intelectuais.

Em nosso artigo, a intersecção parte, principalmente, do jornalismo (como parte do campo da Comunicação) e da História. Para Ricoeur (1994), a compreensão da comunicação jornalística é, por si só, algo marcado pelo devido, devido à sua atualidade, recenticidade e instantaneidade. Barbosa



e Ribeiro (2009) sintetizam o que apresentamos, discorrendo que a investigação jornalística em conjunto com a História analisa as mensagens textuais, vistas como (re)produtoras de significados e intencionalidades. Para elas, ver a imprensa como representação de uma parcela social é identificar as relações dos veículos de comunicação social com o público no qual se destinam. As autoras finalizam dizendo que ao elaborarmos uma História do Jornalismo, estamos produzindo, de fato, História.

Por esse motivo, sistematizamos o texto da seguinte maneira: em um primeiro momento, trataremos da configuração do jornal “Diário de Notícias” e como o Pe. Celso fazia parte da administração da empresa jornalística e como suas ideias eram veiculadas pela imprensa local. Após esse apanhado, será possível perceber como o Pe. Celso se encaixa dentro da perspectiva de intelectual orgânico. Finalmente, veremos a atuação do religioso à frente do veículo de comunicação, entre os anos que antecederam o golpe-civil militar de 1964, sua participação na Frente Agrária Paulista para a sindicalização dos trabalhadores rurais, bem como a alfabetização dos camponeses pelo método de educação Paulo Freire, a partir da análise dos editoriais escritos pelo religioso.

O “Diário de Notícias” como ponto de partida

A história da imprensa em Ribeirão Preto é marcada por efemeridades, assim como ocorreu em grande parte do interior paulista. De acordo com Rocha e Zauith (2011), o primeiro jornal do município que se tem registros é o semanário “A Lucta”, lançado em 1884, sendo que a imprensa não foi a única que se desenvolveu, mas a cultura cafeeira proporcionou um amplo crescimento na economia do interior, o que emergiu as cidades com a instalação de ferrovias, advento de mão de obra imigrante e o começo da industrialização. Porém, o jornalismo irá ganhar força com o crescimento da cultura cafeeira, que tornou São Paulo o principal centro econômico do país. Assim, continuam as autoras, a imprensa do interior passou a manifestar um aspecto mais profissional, fruto de todo o contexto de emergência das cidades interioranas.



A imprensa do interior também é resultado dos desejos e necessidades das elites político-econômicas¹ locais, segundo Hime (1998), que queriam um espaço próprio para se expressarem. Nesse sentido, os jornais também serviam como instrumentos de dominação da burguesia, manifestando os seus pontos de vista, com a finalidade de manter as narrativas hegemônicas. Ainda assim, com alguns poucos manifestantes contrários ou críticos de oposição, a permanência dos domínios da imprensa era dada aos chamados “barões do café” em Ribeirão Preto, com destaque para Francisco Schmidt, que regia o jornal chamado “Diário da Manhã”, e Quinzinho Junqueira, do “A Cidade”.

O desenvolvimento dos jornais do estado de São Paulo, bem como de todo o país, teria contornos precisos no ano de 1950. A pesquisadora Ribeiro (2007) estudou a modernização da imprensa no país nos anos de 1950, a partir da análise dos veículos da cidade do Rio de Janeiro. Segundo ela, essa nova estruturação como empresa jornalística contou com a incorporação de novos elementos textuais, como o lead (O que? Quem? Onde? Quando? Como? Por que?), o conceito da pirâmide invertida, o advento do fotojornalismo, a separação entre opinião e informação, a busca constante pela objetividade do texto e a profissionalização dos trabalhadores da área. Continua a pesquisadora afirmando que essas reestruturações acompanhavam a diversificação da economia do país e os princípios desenvolvimentistas do governo de Juscelino Kubistchek. O novo texto jornalístico, segundo Ribeiro (2007), carregado com os princípios de neutralidade, imparcialidade, deu considerável poder social ao jornalismo, que através de suas técnicas para tornar o texto mais “objetivo”, deu a ele áurea de “verdade”.

¹ Aqui, nos referimos especialmente à elite política como os representantes do Executivo e Legislativo, visto que na época de nosso estudo, muitos vereadores, candidatos à Prefeitura e então prefeitos de Ribeirão Preto tiveram uma atuação notável na imprensa da cidade. Do mesmo modo, a elite econômica, representada pelos “barões do café”, também utilizavam os veículos de comunicação para ampliar seus discursos e narrativas, uma vez que eles eram parte da elite política. Ou seja, é uma relação mútua, com claras intenções de manter o poder hegemônico vigente, a partir da expressão de seus ideais pela imprensa.



Acompanhando esse desenvolvimento, a imprensa do interior daria início à sua modernização. De acordo com Pádua (2016), o ideal de modernidade permeia os jornais locais, com uma nova apresentação gráfica das notícias, inovação nas coberturas e renovação da linguagem jornalística. Araújo e Geraldo (2006) também apontam as modificações da imprensa interiorana, citando o ano de 1960 como marco. Os pesquisadores estudaram a memória do jornalismo impresso em Ribeirão Preto, com foco na profissionalização das redações nos anos de 1965 a 1982. Para os autores, os anos de 1960 e 1970 foram importantes para a consolidação do conceito de reportagem no jornalismo impresso do município, principalmente, com a vinda de José Hamilton Ribeiro e Sérgio de Souza, que trouxeram na bagagem as experiências com veículos da grande imprensa e formularam o jornalismo local em modelos semelhantes aos que temos atualmente.

Nesse cenário de desdobramento da imprensa interiorana, surge o “Diário de Notícias” (DN), em 1 de julho de 1928, na cidade de Ribeirão Preto. O periódico é fruto da ação de José da Silva Lisboa², que permaneceu como diretor até o ano de 1935. Após esse período, o periódico passou para as mãos de Oswaldo Silva Lisboa, irmão de José, uma vez que o fundador deixava a oficina do jornal para escrever no Rio de Janeiro. Em 1943, a folha foi vendida novamente para o professor Oscar de Moura Lacerda³, mas ainda no mesmo ano, o diário sofreu com o empastelamento pelos integristas.

Em 1944, o DN foi adquirido pela Cúria Arquidiocesana de Ribeirão Preto, sendo conhecido como “jornal dos padres”. O periódico adotou uma linha editorial agressiva contra o comunismo, conforme os mandamentos

² Conforme consta em Portal Moura Lacerda (2021), José da Silva Lisboa nasceu em 11 de maio de 1902, no município de Casa Branca, filho de Manoel da Silva Lisboa e Felicidade da Silva Lisboa. De acordo com França (2013), José iniciou a carreira no jornalismo no ano de 1921, quando foi gerente do “Diário da Manhã” e, em 1928, desligou-se do jornal para fundar o “Diário de Notícias”.

³ Oscar de Moura Lacerda foi um membro da política ribeirão-pretana, elegendo-se vereador no ano de 1947. Nos anos de 1930, ele ficou conhecido por fundar um dos cursos colegiais mais famosos da cidade, com o nome de Colégio Moura Lacerda, que permanece como uma instituição de ensino ativa até a data do presente artigo em Ribeirão Preto.



da Encíclica *Rerum Novarum*⁴, que pregava sobre as condições dos operários, principalmente, diante do regime comunista, com ampla defesa pelo direito à propriedade privada. Devido à força da Igreja Católica em Ribeirão Preto, em conjunto com o caráter moderno do matutino, não demorou muito para que o “Diário de Notícias” se tornasse um dos grandes representantes da imprensa na cidade.

Em 1960, o DN alcançou uma tiragem de quase 8.500 exemplares, circulando não apenas em Ribeirão Preto, mas também nos municípios adjacentes. O jornal ocupou o terceiro lugar em número de circulação, ficando atrás do jornal “A Cidade” e “Diário da Manhã”, que eram o primeiro e segundo lugar, respectivamente. De acordo com Carneiro Júnior (2002), em 1953 o periódico assumiu como linha editorial os princípios adotados pela Ação Católica⁵. O Pe. Francisco de Assis Correia (2008, p. 587) diz que a conduta do DN era extremamente moralizante, na defesa pela “boa imprensa e pela família”. Dom Luís⁶ escrevia semanalmente no diário, na coluna intitulada “Esclarecimentos Necessários”, defendendo que a imprensa de Ribeirão Preto deveria oferecer “resistência às doutrinas, crônicas, fotografias e anedotas contrárias aos sãos princípios da moral cristã” (CORREIA, 2008, p. 588).

Mas, no final dos anos de 1950, o DN substituiu a sua insistência moralizante por uma insistência social. A própria Arquidiocese deu início às campanhas para emancipação do homem, com ênfase no trabalhador rural.

⁴ Publicada em 15 de maio de 1861, pelo Papa Leão XIII. A encíclica está disponível na íntegra no site do Vaticano. Cf: IGREJA CATÓLICA. Papa (1810-1903: Leão XIII). Carta *Encyclica Rerum Novarum*: a todos os veneráveis irmãos patriarcas, primazes Arcebispos, e Bispos do mundo cathólico em graça e comunhão com a sé apostólica. 15 de maio de 1861. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em 20 ago. 2017.

⁵ Segundo Souza (2006), a Ação Católica Brasileira (ACB) foi uma associação criada em 1935, por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, para contemplar as solicitações do Papa Pio XI. A intenção era criar organizações com a finalidade de estabelecer o reino universal de Jesus Cristo. Em 1966, é decretado o fim da ACB pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

⁶ Conforme Correia (2008), Dom Luís do Amaral Mousinho (1912-1962) foi um bispo católico e arcebispo da Arquidiocese de Ribeirão Preto, entre os anos de 1952 a 1958. Também ficou conhecido por ajudar na organização, gestão e edição do “Diário de Notícias”, durante os anos que permaneceu à frente da Igreja da cidade.



Viu-se a necessidade de discutir soluções justas para os camponeses, de acordo com as pregações do Evangelho e o diário apareceu como divulgador desses princípios e informativo de ações eclesiais. Em 1956, o Pe. Celso Ibson Sylos já estava à frente da direção do periódico – ele participava não só da escritura de artigos e editoriais, mas também promovia encontros com os trabalhadores rurais.

O Pe. Celso iniciou a organização da associação Frente Agrária Paulista, com o objetivo de sindicalizar o homem da roça e fomentar a consciência crítica, pela metodologia de Paulo Freire. Assim, a Arquidiocese passou a organizar melhor o seu trabalho com o meio rural e o jornal era o canal de expressão dessas ideias. Em seus editoriais, o DN condenava “os maus patrões que exploram em demasia seus trabalhadores, suscitando grande reação dos proprietários rurais” (CARNEIRO JÚNIOR, 2002, p. 15).

Foi o Pe. Celso, com suas lutas em nome dos direitos dos trabalhadores do campo, que conseguiu criar lideranças de origem camponesa, representando a resistência rural em Ribeirão Preto. Pinheiro e Tomicioli (2000) comentam que o Pe. Celso não ficou restrito ao campo espiritual. Também não aceitava “política e religião como assuntos distintos. Não apoiou o Golpe Militar de 1964. Não marchou com a Família e com Deus pela Liberdade” (PINHEIRO; TOMICIOLI, 2000, p. 29).

Pe. Celso Ibson Sylos permaneceu na direção do periódico até 1964, época registrada por Correia (2008) como a mais conturbada do veículo, que culminaria em seu fechamento pelos militares logo após o golpe. Porém, antes mesmo da tomada de poder pelos militares, o DN tinha suspenso suas atividades em fevereiro de 1964, alegando dificuldades financeiras. Carneiro Júnior (2002) argumenta que essa interrupção foi por conta de questões políticas, uma vez que, segundo o autor, grande parte da sociedade ribeirãopretana defendia que a Igreja tinha que se preocupar somente com a religião, criticando o posicionamento de um jornal católico militante.

Em abril do mesmo ano, o DN foi fechado novamente - agora, a mando dos militares locais. Segundo Carneiro Júnior (2002), Pe. Celso foi



perseguido pela polícia e passou a ser considerado um “agitador comunista”, o que o levou a fugir de Ribeirão Preto. Correia (2008) conta que na manhã do dia 02 de abril, o Arcebispo da cidade, Dom Agnello Rossi, recebeu na porta de sua casa três delegados que perguntavam sobre o paradeiro do sacerdote, já que corriam boatos de que ele se encontrava na residência episcopal. No dia 05, mesmo após esse episódio de ocultar os denominados agitadores sociais, Dom Agnello saudou a vitória da chamada “Revolução”, em uma missa realizada no 3º Batalhão Policial da cidade. No mesmo dia, segundo Correia (2008), o religioso elogiou as tropas militares que desmantelaram a trama comunista em marcha pelo país, e que havia sim, necessidade de expurgos, mas sem excessos.

Semanas depois, o arcebispo localizou Pe. Celso, que se encontrava no Rio de Janeiro. Em carta, pediu que voltasse a Ribeirão Preto e se apresentasse aos DOPS local e, alguns dias depois, Pe. Celso apresentou-se ao 3º BP e foi preso. Depois disso, o “Diário de Notícias” adotou uma nova postura em seus editoriais e artigos de opinião, e a Frente Agrária Paulista também não apareceu novamente nas folhas do jornal.

Na década de 1960, o DN apresentava uma diagramação moderna, seguindo os princípios praticados pela imprensa das grandes metrópoles, especialmente do eixo Rio-São Paulo. Sendo assim, o jornal seguia configurações modernas, tendo contato direto com agências de notícias e com a presença de fotografias em suas páginas. No período analisado, o periódico circulava de terça a domingo, folgando no dia seguinte às datas comemorativas. Possuía formato standard (52,5cm x 29,7cm), impresso em papel jornal, com quatro, seis, oito ou doze páginas, podendo variar nas edições especiais e extras, com custo de Cr\$5,00. Na primeira página, o cabeçalho continha o nome do jornal “Diário de Notícias”, em letras garrafais serifadas, seguido do slogan (e frase bíblica) “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus – Mt. XXII, 21”.

O DN mantinha serviços de telégrafo direto da *Asapress United Press International*, agência nacional de assessoria de imprensa que enviava releases e notícias. Ainda no cabeçalho, seguia por fim o ano do jornal, o



nome da cidade, data (com o dia, mês por extenso e ano) e o número da edição. No canto superior esquerdo, um pequeno box trazia, por vezes, uma informação ou lembrete para os leitores, ou uma pequena notícia de agência.

É na segunda página que se encontra a coluna “Nosso Comentário”, em que se viam os editoriais do DN. Ele se localizava na parte esquerda da folha, em um box destacado, com uma coluna, abaixo do quadro com as informações do corpo de diretores. Em algumas edições, o editorial aparece na quarta página. O Pe. Celso Ibson Sylos era o responsável pela produção textual dos editoriais, enquanto permaneceu à frente da direção da folha.

Com o passar dos anos, a segmentação do DN torna-se cada vez mais nítida. O periódico era organizado em sessões de esporte, cultura, religião, vida social, notícias regionais, nacionais e internacionais, comentários e colunas de opinião. Notamos que é a partir da direção do Pe. Celso que a seção “Notícias da Região” se faz presente, dando ao jornal uma forte característica regionalista e exaltando sua postura como jornal do interior.

Além do regional, o diretor tinha uma forte preocupação social, sendo que a partir de 1962 aparece o quadro “Lutando pela justiça social”, sem página fixa, que tratava sobre diversos assuntos políticos que poderiam influenciar o trabalhador. Além disso, há um aumento no número de matérias que tratam sobre os movimentos da Frente Agrária, junto com promoção de campanhas da organização.

Pe. Celso Ibson Sylos: um intelectual orgânico revolucionário

A questão agrária e a organização dos movimentos sociais rurais ganharam notoriedade no Brasil no cenário pós-Segunda Guerra Mundial. As chamadas Ligas Camponesas, que eram atuantes na luta pela terra no Brasil entre os anos de 1950 e 1960, também ecoaram em regiões interioranas, sendo consideradas precursoras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), conforme vemos em Dezemone (2016).

Na cidade de Ribeirão Preto, a Frente Agrária Paulista destaca-se como um movimento que reverbera a ação das Ligas Camponesas, tendo



como principal bandeira a defesa da sindicalização, a organização dos trabalhadores rurais assalariados e a promoção de uma educação emancipadora pelo método Paulo Freire. Dentro do movimento, a atuação de Pe. Celso Ibson Sylos merece destaque, não só como líder da Frente, mas como um dos grandes defensores dos ideais pregados pelo movimento e a sua expressão para toda a sociedade, a partir dos textos publicados no “Diário de Notícias”.

Sendo assim, o Pe. Celso Ibson Sylos pode ser considerado como um intelectual orgânico⁷, à luz do conceito gramsciano, tendo em vista que o seu papel não se restringe ao campo das ideias, mas também atua diretamente no campo social, atuando como um porta-voz da classe. Além do mais, não se mantinha como um intelectual reservado à alta cultura, trocando miúdos apenas com seus pares, mas trabalhava constantemente em prol da emancipação de classes menos favorecidas, com a intenção de contestar o poder hegemônico e realizar uma crítica ao sistema capitalista.

Gramsci (1978), em seu texto “Problemas do materialismo histórico”, propõe um novo olhar sobre os intelectuais, desconstruindo a visão clássica predominante. Ora, diante disso, como não pensar a figura do Pe. Celso, como um intelectual orgânico à frente do seu tempo, que também propunha debates enfáticos contra o poder político repressivo, principalmente no período que antecedeu o golpe civil-militar? Nas palavras de Gramsci (1978, p. 21):

⁷ Na concepção de Gramsci, o intelectual não é somente o homem da “alta cultura”, mas também inclui as camadas sociais que exercem funções de organização, em um sentido mais amplo, seja no plano da produção da cultura ou da administração pública. Sendo assim, o critério metodológico gramsciano inclui o intelectual não como uma atividade específica desenvolvida por essa categoria, mas sim, todo um sistema de relações sociais do qual desempenha sua função. No caso específico dos intelectuais orgânicos, Gramsci defendia que eles eram um produto do desenvolvimento capitalista, portanto, faziam parte da criação de uma burguesia, porém que não se limitava a ela, mas se estendia para outras classes. Sendo assim, os intelectuais orgânicos seriam identificados pela sua historicidade, seu papel político e sua vinculação com uma classe.



É preciso destruir o preconceito muito difundido de que a filosofia é qualquer coisa de muito difícil pelo fato de ser atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são "filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea", própria de "toda a gente", isto é, da filosofia contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não só de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, portanto, também em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de atuar que se esboçam naquilo que geralmente se chama folclore.

Ou seja, Gramsci não considera os intelectuais de maneira abstrata, avulsa, como uma casta separada dos outros segmentos sociais. Para ele, a figura do intelectual está intimamente ligada na relação entre classes, adotando uma perspectiva marxista, que contempla a atuação desse grupo vinculado a um determinado modo de produção. Sendo assim, "toda aglutinação em torno de um processo econômico precisa dos seus intelectuais para se apresentar também como um projeto específico de sociedade" (SEMERARO, 2006, p. 377).

Portanto, os intelectuais orgânicos, ao contrário dos tradicionais, fazem parte de um organismo vivo e sempre em expansão. Afinal, eles estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais, bem como ao grupo social escolhido para se dirigir à sociedade. De acordo com Semeraro (2006, p. 377), os intelectuais orgânicos "se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a "conformação das massas no nível de produção" material e cultural exigido pela classe no poder".

No entanto, devemos considerar uma crítica de Gramsci sobre a figura intelectual dos jornalistas. Ora, Pe. Celso Ibson Sylos, além de membro da Igreja Católica, líder de um movimento de resistência camponesa e atuante em movimentos sociais, também era jornalista, tanto que foi nomeado diretor do "Diário de Notícias". A nossa análise parte justamente dos seus escritos enquanto membro da empresa jornalística, principalmente em referência à atuação do clérigo na Frente Agrária Paulista.



Gramsci (1988, p. 8) diz que o “tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas – que creem ser literatos, filósofos e artistas – creem também ser os ‘verdadeiros’ intelectuais”. Porém, também é função do intelectual orgânico construir uma nova hegemonia; uma das maneiras de iniciar essa construção é através da mídia, que pode agir tanto no sentido de consubstanciar o poder, quanto investir em sua modificação. Sendo assim, “insere-se não só o trabalho do intelectual orgânico, mas do próprio jornal, que pode ser entendido na perspectiva gramsciana como um partido ampliado, o que releva o seu papel ideológico” (RESENDE, 2006, p. 2).

De fato, o jornalismo foi um dos campos mais contemplados na perspectiva de Gramsci. Para ele, a ligação entre a mídia, ideologia e o trabalho dos intelectuais deve ser levado em consideração para a formação de uma cultura. Inclusive, o pensador marxista considera que a atividade jornalística está diretamente associada ao intelectual orgânico, que deve adotar procedimentos para atender o seu público efetivo.

Ou seja, para se afastar da figura do intelectual tradicional, vulgarizado e literato, nas palavras de Gramsci, o jornalista deveria assumir uma postura de engajamento. Essa condição também deveria acompanhar o desenvolvimento resultante da formação industrial, que não só estratificou as classes, mas permitiu o surgimento de grupos intelectuais cujos saberes estavam atrelados a prestação de serviços a alguma outra classe social.

Nesse sentido, os intelectuais orgânicos tinham atribuições relativas à disciplina, bem como a orientação de funções do mundo produtivo. Assim, eles exerceriam atividades capazes de criar condições favoráveis para o crescimento das classes, principalmente as trabalhadoras. Conforme Lopes (2009, p. 4):

O intelectual orgânico, portanto, não é ele mesmo o poder dominante, nem sequer pode ser visto como simples representante ou porta-voz de uma classe ou grupo. Ele é aquele que – por meio de suas funções realizadas no contexto das relações sociais que se dão na sociedade civil – promove condições para a construção da hegemonia de um grupo ou classe.



Apesar das críticas de Gramsci aos jornalistas, a identidade jornalística está impregnada do conceito de intelectuais orgânicos. O pensador enfatiza que os intelectuais orgânicos têm a capacidade de lidar com ideias e agir como organizadores da cultura.

Sendo assim, em muitas das manifestações e expressão de ideias dos intelectuais, principalmente na mídia de massa, o jornalismo funciona como uma plataforma, onde os agentes contribuem para consolidar um determinado pensamento. Com isso, a contribuição do campo jornalístico para a formação de mentalidades está em potência, “no poder que possuem para definir a agenda de assuntos a serem veiculados na mídia” (LOPES, 2009, p. 17). Isso faz parte da constituição da sociedade midiaticizada, que se expandiu no Brasil a partir do século XX.

Lopes (2009) enfatiza que a mobilização de ideias em prol do bem comum e o engajamento com os interesses da sociedade, além de produzir uma imagem do intelectual orgânico, também reforça a figura do jornalista, como alguém com credibilidade para fazer críticas contra os demais agentes sociais. “O que os jornalistas, já apontados por Gramsci como intelectuais que podem ter uma atuação orgânica, fizeram foi imiscuírem-se ativamente na vida prática, como construtores, organizadores, persuasores permanentes” (RESENDE, 2006, p. 12).

Além do mais, assim como uma parte da mídia saudou o golpe civil-militar de 1964, tomando partido a favor do projeto hegemônico em curso (como ocorreu em outros momentos da História, em que a imprensa permaneceu como representante dos grupos dominantes), há um contraponto com os veículos alternativos e de resistência. As manifestações do Pe. Celso no “Diário de Notícias” mostram justamente esse outro lado, reforçando a necessidade do levante de grupos minorizados, como os trabalhadores rurais, em prol da democratização do país e a emancipação das classes.

Ora, mesmo que Gramsci considere que todos temos o potencial de nos tornarmos intelectuais, nem todos assumem essa posição na sociedade.



Pe. Celso, no entanto, foi além da expressão de ideias como literato, munindo-se de tinta e papel, mas também de força e garra, para atuar em movimentos sociais relevantes na cidade de Ribeirão Preto. O religioso também se portou como parte de uma resistência, usando a imprensa como um canal alternativo para bradar contra a hegemonia vigente.

Os escritos antes do cárcere: os editoriais do Pe. Celso

A escolha dos editoriais do “Diário de Notícias” como textos principais para a análise do Pe. Celso Ibson Sylos como intelectual orgânico deu-se pelo lugar em que esse gênero jornalístico ocupa enquanto narrativa, sendo o espaço próprio de manifestação e significação do jornal, onde ele pode explicitar, abertamente, sua opinião acerca das estruturas que regem a sociedade.

Nesse sentido, diz Resende (2006, p. 10-11), que o editorial não norteia apenas o “conteúdo do jornal, mas remete o leitor à sua interpretação, como ele deve ser lido e os objetivos buscados no variado material que compõe, na diversidade, a unidade de sentido deste dispositivo”. Ao mesmo tempo, é o lugar de posicionamento do Pe. Celso, uma vez que ele aparece como o responsável pela produção dos editoriais, integrando a sua própria opinião com a da empresa jornalística.

Além disso, as considerações que cercam o DN em torno da Frente Agrária Paulista e a sindicalização do trabalhador rural têm início com a direção do Pe. Celso, a partir de fevereiro de 1962, justamente pelo clérigo ser líder do grupo na região de Ribeirão Preto. O jornal passa, portanto, a atender aos interesses do movimento sindical, sem perder os princípios religiosos que seguiam a trajetória do periódico, defendendo a Doutrina Social Cristã em nome de uma sociedade fraterna e igualitária.

Relata o DN, que a Frente Agrária Paulista “vem desenvolvendo em toda região intenso trabalho no sentido de conseguir a efetiva promoção do homem do campo” (PROBLEMAS DO ..., 1962, p. 6), com grande receptividade pelos trabalhadores rurais, que reconhecem a mensagem cristã pre-



gada, em nome da solução dos problemas sociais. A Frente Agrária era “integrada por líderes cristãos e democratas, que estão visitando a zona rural, alertando os trabalhadores e proprietários, para a necessidade de uma arregimentação de emergência para exigir do Governo Federal a política ruralista” (PROBLEMAS DO ..., 1962, p. 6). Dessa forma, consegue o movimento liderar todo o entorno municipal ribeirão-pretano, em um “grande movimento de redenção do trabalhador da roça” (FRENTE AGRÁRIA, 1962, p. 2), e que “através da Doutrina Social Cristã serão resolvidos os problemas que afligem a nossa sociedade e o nosso povo. Soluções democráticas para problemas de tantos séculos” (p. 2).

Nos editoriais escritos pelo Pe. Celso, há uma ênfase na participação em movimentos sociais e sindicais como parte ativa de seu fazer jornalístico, algo diretamente relacionado com o conceito gramsciano de intelectual orgânico. Diz o texto:

Queremos que as mensagens da doutrina social cristã sejam conhecidas e difundidas, teoricamente através de comentários especializados e na prática através de uma constante luta de apoio e incentivo àqueles que estão em pleno campo de batalha, tentando modificar as estruturas desumanas que atualmente regulam as relações sociais. (UMA GRANDE CAMPANHA, 1963, p. 2).

Continuando os textos sobre o trabalho da Frente Agrária, afirma o periódico que uma das ações do grupo está em politizar camponeses, formando-os como “elementos capazes de assumir a direção dos sindicatos em organização” (LEVANTE ..., 1963, p. 2). Assim, os trabalhadores estavam entendendo que “a união e um sindicato significam a esperança de dias melhores” (CONTRATOS ... 1963, p. 4), como forma de atingir a justiça social e modificar as condições de exploração na sociedade.

O Pe. Celso Ibson de Sylos também exalta a preocupação pedagógica para com os camponeses. Durante a atuação do clérigo no campo, ele utilizava ideias de Paulo Freire, ao lado dos ideais defendidos na Doutrina Social Cristã, para conscientizar os trabalhadores rurais de Ribeirão Preto. Contudo, em uma época de autoritarismo, os ensinamentos freirianos eram vistos como subversivos, sob a justificativa da “ameaça do comunismo”.



Esse foi um dos motivos para o então diretor do DN ser julgado considerado agitador. Em editorial, defende o método como:

O sistema "Paulo Freire" é muito mais do que um complexo método para ensinar adultos a ler e escrever. É uma criação formulada a partir da tese de que o aprendiz humano é causa eficiente de sua própria cultura e educação; daí se pressupõe logicamente que não há professores de verdade, se não meros coordenadores ou suscitadores do processo cultural "do outro", sem dominação de cima para baixo; tudo se processa em plano horizontal, não mais no conceito de "classe", mas de círculo-de-cultura. Evidentemente, o professor Paulo Freire e sua equipe conseguiram criar dados claros para a conceituação mais científica do que seja, na verdade uma Cultura Popular. Firmaram-se nos dois polos – comunicação e democratização da cultura – para alcançar os dados necessários à definição da Cultura Popular: abrir todos os canais de comunicação para todos os cidadãos, não apenas no sentido materialmente técnico, se não, sobretudo, no sentido espiritual da não-dominação; e depois, democratizar ao máximo todo o tipo e todo grau de cultura. (O ESTADO ..., 1964, p. 2).

O alinhamento com os movimentos sindicais, as campanhas realizadas em nome da Frente Agrária e as constantes críticas à elite da cidade, colocou o jornal em uma cruzada contra a burguesia local. Antes do golpe, o DN foi fechado em 21 de fevereiro de 1964, com alegações de crise financeira. Entretanto, o que nos diz Carneiro Júnior (2002) é que a interrupção do periódico é justificada pelo desagrado das classes privilegiadas, especialmente os grandes donos de terras e membros da elite político-econômica reacionária.

No dia do fechamento do "Diário de Notícias", um grande número de ativistas e simpatizantes se concentraram na redação do jornal, oferecendo apoio e solidariedade ao diretor Pe. Celso Ibson Sylos (CARNEIRO JÚNIOR, 2002). Até mesmo outros veículos de mídia, como o "Diário da Manhã", e representantes do Poder Executivo, o prefeito Welson Gasparini⁸, começaram uma campanha para convencer o arcebispo, D. Agnello Rossi, a trazer o DN de volta. No dia 04 de março de 1964, o diário retorna e dá continuidade ao seu projeto jornalístico e social, tendo à frente o Pe. Celso.

⁸ Welson Gasparini também atuou como jornalista no Diário de Notícias e defendia os ensinamentos da Doutrina Social Cristã. Por isso, apoiava a abertura do jornal e a continuidade de suas atividades, mesmo diante de uma época conturbada.



Depois de deflagrado o golpe, o jornal foi impedido de circular por cerca de dois meses. Em 01 de abril de 1964, data de sua última edição antes de interromper suas atividades, o editorial do dia fala sobre o novo regime “indisciplinado”, em busca de “disciplina”, em suas palavras.

Uma coisa é evidente. A História da conturbada Pátria já começou ontem o registro entristecedor da violência aos direitos mais primários da liberdade e da ordem. Confirma-se a previsão do Presidente João Goulart, estabeleceu-se um regime de indisciplina e desordem no País, em nome da “disciplina” e da “ordem”. [...] Tudo indica que, nos territórios já marcados macabramente pelos campeões do golpe, a imprensa será cerceada em sua liberdade; os líderes reformistas serão apreendidos; os Centros Universitários coagidos ao silêncio; o Povo mantido em “ordem e paz”, sem poder se manifestar na espontaneidade do clima democrático. (LUTA ..., 1964, p. 4).

Com a interrupção do DN e a prisão do Pe. Celso Ibson Sylos por 40 dias, o jornal passa a ser dirigido pelo Pe. Angélico Sândalo Bernardino. Os registros sobre o que aconteceu com o Pe. Celso após a sua prisão são falhos, porém em 1969, ele abandonou a batina e casou-se com Therezinha Gasparini, irmã de Welson Gasparini (então prefeito de Ribeirão Preto), com quem teve dois filhos. Depois disso, Celso Ibson Sylos entrou na carreira política, sendo vereador, candidato a prefeito pelo MDB (derrotado pelo cunhado Welson) e professor universitário. Faleceu em 1998.

Já o “Diário de Notícias” deixou de ser propriedade da Arquidiocese de Ribeirão Preto em 1979, quando foi comprado por um grupo de jovens e posteriormente vendido à Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Com direção do reitor e político Ricardo Christiano Ribeiro, o DN ganhou uma nova roupagem, mudando o seu nome para “Jornal de Ribeirão”, em 1983. No ano de 1990, o periódico encerrou definitivamente suas atividades.

Considerações Finais

Clérigo, jornalista, líder sindical. As várias frentes de atuação do Pe. Celso Ibson de Sylos fazem parte da sua concepção enquanto intelectual orgânico, engajado em lutas sociais de grupos minorizados e, ao mesmo tempo, expressando as suas ideias através dos textos do “Diário de Notí-




cias”. Gramsci (1978) diz que a ideologia representa a unidade entre a concepção de mundo e uma norma de conduta adequada. Nesse sentido, o trabalho de Pe. Celso visa romper as concepções remanescentes da hegemonia, em um contexto de extremismos e dualidades, onde a luta contra hegemônica torna-se ainda mais acirrada.

Aos intelectuais orgânicos gramscianos caberia o trabalho de formulação de ações – isso tanto para confirmar um determinado bloco histórico quanto para estabelecer diretrizes para a sua substituição. Esta última atitude era feita de maneira brilhante por Pe. Celso. Mais do que compreender as crenças populares que cercam os homens do campo, o religioso tinha a intenção de emancipá-los, organizá-los e sindicalizá-los, tendo em vista da constituição de um bloco histórico campestre forte em Ribeirão Preto, para contrapor as elites locais.

A participação do Pe. Celso como diretor do “Diário de Notícias” é fundamental para a construção da sua figura como intelectual orgânico. Afinal, além de contar com um espaço próprio de expressão e manifestação ao público, é no jornal que o clérigo se portava como educador e criador de novos significados, simbolismos e narrativas. É dentro do discurso que se constrói e destrói hegemonias.

Notável, ainda, a própria singularidade do “Diário de Notícias”. Quando falamos dos anos de 1964 e a imprensa, a imagem representativa que nos vem à mente é ora de apoio da grande mídia, ora os veículos alternativos, com forte iconicidade dos folhetos mais radicais, publicados em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Mas, no interior paulista, veículos que se organizavam de forma semelhante à grande imprensa, adotaram o discurso da resistência.

Assim como o Pe. Celso, o “Diário de Notícias” não ficou restrito ao campo espiritual, mesmo como propriedade da Arquidiocese. Resistente e militante, o jornal colaborou com a manifestação das expressões de seu diretor, dando eco às iniciativas da Frente Agrária e propondo discussões em prol da liberdade, democracia e busca dos direitos para os minorizados, em uma época de autoritarismo crescente.



Como bem disseram as autoras Pinheiro e Tomicioli (2000), mesmo com incógnitas e incertezas sobre Pe. Celso Ibson Sylos, a sua história de oposição não terminou. Afinal de contas, o religioso significou o ponto de partida. A história da “esquerda católica” em Ribeirão Preto apenas se iniciou com ele.

Referências

- ARAÚJO, Luís Carlos E. de e GERALDO, Sebastião. Memória do Jornalismo Impresso de Ribeirão Preto – O início da profissionalização das redações (1965-82). *In*: SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE/INTERCOM, 9., 2006, Ribeirão Preto. **Anais** [...]. Ribeirão Preto: Intercom, 2006.
- BARBOSA, Marialva Carlos e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Combates” por uma história da mídia e do jornalismo no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO/INTERCOM, 33, 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Intercom, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 119 – 126.
- CARNEIRO JÚNIOR, Milton. **Sociedade e política em Ribeirão Preto**: estratégias de dominação (1960-1964). 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, UNESP, Franca, 2002.
- CONTRATOS escritos. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 05 mar. 1963. Coluna Nosso Comentário, p. 4.
- CORREIA, Pe. Francisco Assis. **A história da Arquidiocese de Ribeirão Preto (1908-2008)**. Ribeirão Preto: Grafcolor, 2008.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- DEZEMONE, Marcus. A questão agrária, o governo Goulart e o golpe de 1964 meio século depois. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 71, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0102-01882016000100131. Acesso em: 13 abr. 2021.
- FRANÇA, Jorge Luiz de. **Mulheres, imprensa e sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- FRENTE Agrária. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 2 ago.1962. Coluna Nosso Comentário, p. 2.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Torino: Einaudi, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- HIME, Gisely Valentim Coelho. Apontamentos da história da imprensa em São Paulo. *In*: LOPES, Dirceu Fernandez; COELHO SOBRINHO, José; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Edicon- ECA/USP, 1998.



LEVANTE de camponeses. **Diário de Notícias**, 6 fev. 1963. Coluna Nosso Comentário, p. 2.

LOPES, Fernanda Lima. Significados da imagem de intelectual para a construção da identidade do jornalista. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**, Brasília, v. 12, n. 3, set./dez. 2009.

LUTA pela paz. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 1 maio 1964. Coluna Nosso Comentário, p. 2.

O ESTADÃO e a verdade (II). **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 1 fev. 1964. Coluna Nosso Comentário, p. 2.

PÁDUA, Aline Ferreira. **"A Notícia"**: um retrato do jornalismo rio-pretense nos anos de 1950. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

PINHEIRO, Ana Paula A.; TOMICOLI, Anna Regina Bula. **O preço da luta: a Igreja Católica como ponto de partida**. 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso - Comunicação Social – Jornalismo) - UNESP, Bauru, 2000.

PORTAL MOURA LACERDA. **Biografia** – Dr. Oscar de Moura Lacerda. Disponível em: <https://blog.portalmouralacerda.com.br/biografia-dr-oscar-de-moura-lacerda/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PROBLEMAS do campo. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 10 jul. 1962. Coluna Nosso Comentário, p. 6.

RESENDE, Lino Geraldo. Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1-17, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Campinas: Papirus 1994.

ROCHA, Paula Melani; ZAUITH, Gabriela. A história da consolidação da imprensa do interior no contexto da Belle Époque Paulista. **Revista Interin**, Curitiba, v. 11, n. 1, jan./jul. 2011.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006.

SOUZA, Pe. N. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 14, n. 55, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/viewFile/15033/11226>. Acesso em: 13 abr. 2021.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

UMA grande campanha. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 23 jan. 1963. Coluna Nosso Comentário, p. 2.

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e comunicação na ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.